

Contágio político escasso, influência social incerta

Os protestos no país vizinho poderão revitalizar os movimentos sociais em Portugal, admite Carvalho da Silva

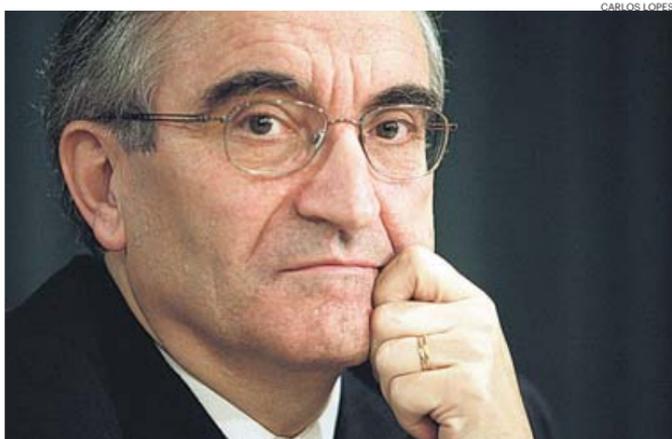
Nuno Ribeiro

A evolução da crise em Espanha deverá ter diversas consequências em Portugal. Peritos e comentadores ouvidos pelo PÚBLICO constataam que o contágio político será diminuto. Já é admitida a existência de uma influência no campo social, de contornos ainda por definir.

“Do ponto de vista político as situações de Portugal e Espanha são diferentes”, afirma Bagão Félix. Para além de uma diferença de tom, “as coisas em Espanha passam-se de uma forma mais assertiva”, o antigo ministro das Finanças de Santana Lopes refere outra *nuança*: “Os espanhóis são muito ciosos da sua maneira própria de se afirmarem”.

Mas há outros factores diferenciadores. No mapa político português há 20% do eleitorado à esquerda do PS. Em Espanha as franjas à margem dos partidos dominantes - o Partido Popular de Mariano Rajoy e os socialistas liderados por Alfredo Pérez Rubalcaba - são preenchidas por formações nacionalistas ou de corte regionalista. “Da alteração da situação política em Espanha não devem decorrer efeitos miméticos em Portugal”, refere António Dornelas, sociólogo do ISCTE. “Existem, também, uma concorrência das centrais sindicais em Espanha, o mercado de trabalho é diferente e os salários são mais elevados, pelo que os efeitos político-sociais da crise espanhola para Portugal serão mínimos”, salienta Dornelas. “A escala de Portugal continental não é muito diferente da de uma comunidade espanhola”, conclui.

“É evidente a influência da crise europeia sobre a dinâmica dos países da periferia, mas o mais contrastante é que as reacções em Portugal são mais débeis do que está a acontecer em Espanha ou na Grécia”, constata o sociólogo Elísio



“As coisas em Espanha passam-se de forma mais assertiva”

Estanque. Para Manuel Carvalho da Silva é óbvia a influência económica da crise espanhola no nosso país. “Já no plano político as coisas estão muito bloqueadas”, ressalva o antigo secretário-geral da CGTP.

Contudo, na dinâmica político-social Carvalho da Silva admite a possibilidade do contágio. “Os movimentos da sociedade espanhola passarão para cá, há similitudes com os existentes em Portugal que podem vir a ser revitalizados”, explicita. No entanto, anota, “os movimentos sociais têm de encontrar formas de manutenção da organização e identidade para além das causas”.

No universo do movimento sindical ibérico, o investigador do Centro de Estudos Sociais anota diferenças. Culturas sindicais diversas e, sobretudo, a vivência em Espanha de uma cultura de diálogo. Uma herança dos Pactos da Moncloa, assinados em 25 de Outubro de 1977, no quadro da transição democrática, que perdura na *praxis* social e política: “Há uma tradição de negociação bilateral, em Portugal não temos essa cultura, a excepção é a negociação colectiva que está em retrocesso”.

A contaminação sindical é admitida por Elísio Estanque. Não por mimetismo, mas por condicionantes.

“Tudo depende das medidas que o Governo vier a adoptar em consequência do acórdão do Tribunal Constitucional sobre os cortes aos subsídios de férias e de Natal”, considera. “Se houver mais austeridade haverá protestos, é cada vez mais evidente um sentimento de revolta contra a classe política, a existência de um espaço para o populismo ou para soluções autoritárias”, enumera. Em Espanha, recorde-se, as manifestações da passada semana, para além dos ministérios, “visitaram” as sedes do PP e do PSOE [Partido Socialista Operário Espanhol].

Marcando as diferenças de origem da crise que afecta os dois países - com a de Espanha a assentar no sector bancário -, Bagão Félix prevê, não obstante, uma receita idêntica. “A solução espanhola não vai ser muito diferente da de outros países, do aumento do IVA ao corte dos subsídios”, destaca. Admite a existência de riscos de contágio no campo social, “não na importação do radicalismo grego, mas da radicalidade espanhola, mais próxima”. Contudo, assinala o papel da UGT como *pivot* importante”, e destaca uma diferença básica: “O Governo português herdou um acordo, não criou nada de novo, o que não ocorreu em Espanha”.